



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Priscilla Freitas Filgueira

A GÊNESE DAS DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS ENTRE
CASAIS: uma revisão da literatura em periódicos nacionais

Palmas – TO
2016

Priscilla Freitas Filgueira

A GÊNESE DAS DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS ENTRE
CASAIS: uma revisão da literatura em periódicos nacionais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^o Me. Lauriane dos Santos Moreira

Palmas – TO

2016

Priscilla Freitas Filgueira

A GÊNESE DAS DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS ENTRE
CASAIS: uma revisão da literatura em periódicos nacionais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
elaborado e apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de
Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^o Me. Lauriane dos Santos
Moreira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Lauriane dos Santos Moreira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Esp. Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Wayne Francis Mathews

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Dedico esse trabalho à minha avó, Raimunda Filgueira de Freitas (em memória), pois em meio à elaboração deste, eu e minha família, passamos por sua triste despedida. E também por saber que uma de suas maiores alegrias seria ter uma neta psicóloga.

E aos meus pais, Ana Lúcia Bessa Freitas e José Gerônimo dos Santos Filgueira, por todo amor demonstrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado forças para que, mesmo nos momentos mais difíceis, eu tenha continuado e chegado até aqui;

Agradeço a toda minha família e em especial aos meus pais, por me ajudarem na realização desse sonho. Sem eles eu não conseguiria nem sonhar, tão pouco realizar. Agradeço pelo empenho em sempre me proporcionar o melhor. Vocês são minha maior riqueza, os melhores que eu poderia ter, Deus foi incrivelmente generoso comigo quando os escolheram para serem meus pais. Minha gratidão, também, aos meus irmãos, e em especial ao caçula que se dispôs a me ajudar sempre que precisei.

Agradeço ao meu namorado pelo apoio, companheirismo, por toda motivação e por sempre acreditar e me mostrar o meu potencial. Você me faz acreditar que mesmo em meio a liquidez da contemporaneidade, vale a pena investir e acreditar no amor. Obrigada por tudo, meu bem!

Agradeço à Comunidade Doce Mãe de Deus – Missão Palmas, por terem me acolhido com tanto carinho e sido minha família aqui em Palmas, por quase três anos;

Agradeço aos professores por todo o conhecimento transmitido, principalmente aos que contribuíram na elaboração desse trabalho; professor Wayne Mathews e Sonielson Sousa. E em especial à minha querida orientadora Lauriane Moreira, por toda dedicação, ensinamentos e pelas palavras de reforço que me fizeram ter confiança e segurança para realizar esse trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos, aqueles que se encontram distantes, mas que sempre se fizeram presentes. E aqueles que tive a alegria de conhecer e cultivar no decorrer da faculdade. Muito obrigada pela particularidade de cada um.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta na elaboração desse trabalho. Tenho um imenso carinho por cada um. Muito obrigada por tudo e por me fazerem melhor a cada dia. Sem vocês, com certeza, minha história não teria o mesmo sentido e nem seria tão bonita.

“Só quem soube duvidar pôde enfim acreditar; viu sem ver e amou sem aprisionar.
Quem no pouco se encontrou aprendeu multiplicar descobriu o dom de eternizar.
Só quem perdoou na vida sabe o que é amar, porque aprendeu que o amor só é amor se
já provou alguma dor. E assim viu grandeza na miséria, descobriu que é no limite que o
amor pode nascer.”

Pe. Fábio de Melo.

RESUMO

FILGUEIRA, Priscilla Freitas. *A Gênese das dificuldades de relacionamentos afetivos entre casais: uma revisão da literatura em periódicos nacionais*. 2016. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, 2016. Cap. 2.

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica com reflexões acerca das dificuldades de relacionamentos afetivos na Contemporaneidade, compreendendo quais os elementos tem fomentado tais dificuldades, que costumam resultar em divórcios, os quais vêm crescendo consideravelmente no decorrer dos anos. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica na plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO) em artigos dos últimos 15 anos, sendo um estudo do tipo “estado da arte”. A análise dos resultados obtidos mostrou que os aspectos de mudanças sócio culturais, o novo ideal de conjugalidade, as multigeracionalidades e os problemas de comunicação, entre outros, tem sido apontados como causadores dos problemas de relacionamentos afetivos entre casais. Desse modo compreende-se que devido a liquidez, conforme aponta Bauman (2009), a qual é vivenciada atualmente, as pessoas encontram-se cada dia mais resistentes nas relações e dificilmente estão dispostas a se doarem pela mesma. Além disso, as relações materialistas fomentadas pelo capitalismo faz com que as pessoas priorizem o consumismo em detrimento dos laços afetivos, enfraquecendo-os.

Palavras-chave: Relacionamentos afetivos. Conflitos conjugais. Contemporaneidade líquida.

ABSTRACT

FILGUEIRA, Priscilla Freitas. *A Gênese das dificuldades de relacionamentos afetivos entre casais: uma revisão da literatura em periódicos nacionais*. 2016. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, 2016. Cap. 2.

The objective of this study was to carry out a bibliographical research with reflections about the difficulties of affective relationships in contemporaneity, understanding which elements have fomented such difficulties, which usually result in divorces, which have been growing considerably over the years. The methodology used was a literature review in the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) platform, in articles of the last 15 years, being a study of the “state of the art” type. The analysis of the results showed that aspects of socio-cultural changes, the new ideal of conjugality, multigenerationalities and communication problems, among others, have been pointed out as causes of the problems of affective relationships between couples. In this way, it is understood that due to liquidity, according to Bauman (2009) points out, which is experienced today, people are every day more resistant in relations and are hardly willing to donate the same. Moreover, the materialistic relations fostered by the capitalist cause people to prioritize consumerism to the detriment of the affective ties, weakening them.

Keywords: Affective relationships. Marital conflicts. Liquid contemporaneity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artigos Coletados.....	34
----------------------------------	----

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

Dados internacionais da catalogação na publicação.

F481g	<p>Filgueira, Priscilla Freitas A gênese das dificuldades de relacionamentos afetivos entre casais: uma revisão da literatura em periódicos nacionais / Priscilla Freitas Filgueira – Palmas, 2016 58 fls., 29 cm. il.</p>
	<p>Orientação: Prof^o.M.e Lauriane dos Santos Moreira TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro Universitário Luterano de Palmas. 2016</p>
	<p>1. Relacionamentos afetivos. 2. Conflitos conjugais. 3. Contemporaneidade líquida. I. Moreira, Lauriane dos Santos .II. Título. IV. Psicologia.</p>
	CDU: 159.9.072.43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OS DISCURSOS SOBRE O AMOR.....	18
3 O ADOECIMENTO DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA ATUALIDADE: MÚLTIPLOS OLHARES.....	23
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	32
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1 Novo Ideal de Conjugalidade	38
5.2 Multigeracionalidade.....	39
5.3 Mudanças no cenário social	40
5.4 Problemas de Comunicação.....	41
5.5 Divisão de tarefas e jornada dupla de trabalho da mulher	42
5.6 Nascimento do primeiro filho	43
5.7 Experiências extra conjugais	44
5.8 Expectativas não correspondidas pelos cônjuges	45
5.9 Finanças.....	46
5.10 A individualidade dos cônjuges	47
5.11 Consumo de álcool e outras drogas.....	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Os relacionamentos afetivos contemporâneos tem se tornado cada vez mais descartáveis, uma vez que as pessoas apresentam dificuldade em não se comprometer e buscam satisfações momentâneas, o que faz com que as relações se tornem rasas e inseguras para ambas as partes. Bauman (2004) nos mostra que as relações não foram feitas para durar, pois se vive num mundo de incerteza, com relacionamentos instáveis em que muitos querem se relacionar, mas poucos querem se comprometer.

Com essa deixa do autor é possível compreender um pouco como é difícil, na atualidade, manter uma vida a dois por muito tempo, pois isso vem se tornando utópico e, após conflitos diversos que muitas vezes são desencadeados pela dificuldade de diálogo, compreensão e tolerância com a diferença do outro, as pessoas desistem umas das outras, chegando, assim, ao fim do relacionamento.

Bauman (2004) conclui:

[...] o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (p. 21).

Dentro dessa perspectiva das frágeis relações contemporâneas, o filósofo/historiador Leandro Karnal (2014) fala a respeito da falsa liberdade, que, na verdade, gera angústia diante das consequências pelas escolhas. Ele aborda a servidão voluntária, quando as pessoas abrem mão da liberdade ganhando assim a servidão. E essa servidão torna-se mais confortável do que a liberdade, pois, segundo Boétie nas palavras de Karnal¹, a liberdade de escolha pode nos levar a sérias consequências que não estamos dispostos a assumir, dessa forma é mais conveniente que permaneçamos reféns da servidão, pois assim podemos atribuir a responsabilidade a outrem e não a nós mesmos. Ele argumenta que, atualmente, as pessoas podem livremente fazer suas várias escolhas, entre elas a amorosa, porém isso não as torna felizes: “quanto mais eu ofereço as pessoas chances delas escolherem, mais elas ficam angustiadas” (KARNAL, 2015).

Diante desses argumentos, Karnal (2015) prossegue nos fazendo perceber o paradoxo instalado na Contemporaneidade, momento em que as pessoas preferem o conforto de servir, abrindo mão da própria capacidade de decisão. Dentro desse contexto, o filósofo introduz um

Informações retiradas do vídeo “*O Medo à Liberdade e a Alma Humana*” no qual o filósofo Karnal cita as palavras do filósofo francês Étienne Boétie. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GGeWvC-iKyc>

pensamento de Bauman, no qual ele expõe que as pessoas seriam objeto do consumismo, tornando-se propagandas de si mesmas. Sendo assim, há um impulso enorme da pessoa ser sujeito através da escolha, no entanto, ela aceita ser um produto de consumo no corpo e na roupa.

Diante dessa especulação, vale ressaltar outro ponto na atualidade que tem tornado as relações difíceis: são as modificações que tem ocorrido nas relações. Tendo como exemplo, podemos citar a mulher contemporânea, que tem uma perspectiva e visão diferente do modo de se relacionar se comparada às décadas anteriores. Antes ela era preparada para casar, ter filhos, cuidar do esposo e da casa. E ainda, como ressalta o psicanalista Freire Costa (2005), a recompensa que a mulher tinha era ser reconhecida pela sociedade como boa mãe e esposa, sendo recompensada ainda mais por meio dos filhos. Ou seja, independentemente de estar ou não feliz na relação, ela deveria dar-se por satisfeita pela conquista de um “bom casamento”.

Vale ressaltar que com o homem também ocorreram algumas modificações, as quais puderam, de alguma forma, contribuir para que houvesse certa mudança nos relacionamentos pós modernos. Nesses parâmetros, Hintz (2001) inicia destacando diferenças entre os gêneros e aponta algumas características que classificam essa transformação. A autora expõe que o homem detinha em suas mãos o poder, tanto econômico, mas também como principal autoridade dentro de casa, e assim ele controlava todos os membros da família. Ela assinala, também, que na sexualidade o homem tinha mais privilégios e uma liberdade ampla, enquanto a mulher devia se manter fiel.

No entanto, a mulher detinha um grau de importância como mãe de família, sendo conhecida como “matrona esclarecida”, o que Floresta (1989 *apud* ROSA, 2012) define como uma mulher que edifica e cuida dos filhos e da casa, dando-lhes exemplos virtuosos e morais. Nesses parâmetros, Duarte (2002 *apud* ROSA, 2012) acreditava que a mulher deveria assumir a responsabilidade de zelar pelo bem comum social, transmitindo paz por meio de seu sorriso, lágrimas e súplicas. Dessa forma o homem poderia sentir-se sortudo por ter uma mulher com tais atributos ao seu lado.

Porém, essas transformações também impactam no papel do homem, pois ele passa a não ser o único provedor da família e a mulher já se tornou independente. Sobre isso, Nolasco (1993 *apud* FEDRIGO 2005, p. 17) explica que “com a chegada das mulheres ao mercado de trabalho, os homens viram-se invadidos nessas duas referências. Anteriormente, eles competiam pelas mulheres e, atualmente, eles competem com elas”. Nesse sentido, as mudanças da condição da mulher na sociedade também afetaram as relações com os homens.

Uma vez que o padrão hegemônico patriarcal/machista é questionado, pois, como aponta Fedrigo (2005), essas mudanças geram instabilidade nos papéis sociais e identitários do homem, provocando insegurança e indefinição no que se refere ao papel masculino.

Com tais mudanças nas relações afetivas é pertinente ressaltar as ideias trazidas por Bauman (2009), de que a forma como temos levado a vida é sem segurança, pois ao criarmos laços frágeis, sentimos a necessidade de viver várias coisas ao mesmo tempo e não colocamos consistência e muito menos durabilidade nelas. O cenário apontado é decorrente de diversos fatores, mas o crescimento tecnológico tem uma influência significativa nesse aspecto, pois estamos vivendo em uma sociedade líquido-moderna. Essa expressão traz uma reflexão acerca da rapidez com que as mudanças ocorrem em detrimento da ausência de preparação dos sujeitos (BAUMAN, 2009).

A sociedade capitalista, dentro da concepção do liberalismo econômico, tem fomentado e impelido as pessoas a estarem sempre dentro desse sistema, portando o aparelho tecnológico de última geração, como *smartphones* e *tabletes*. E nessa busca por atender esses padrões, se começa a descartar os objetos, no anseio de adquirir o último lançamento. E hoje as relações estão assim, da mesma forma que descartamos os objetos passamos a descartar as pessoas (BAUMAN, 2009).

Diante das várias problematizações que constituem as dificuldades referentes aos relacionamentos afetivos, Mosmann e Falcke (2011, p. 07) apontam que: “os padrões de resolução de conflito e o comportamento dos cônjuges durante o processo de resolução do mesmo predizem reflexos na satisfação e estabilidade conjugal”. As autoras mostram, assim, que os padrões que configuram as novas formas de relacionamento, embora tenham se modificado, ainda podem ter a possibilidade de sobreviver a esses impactos, desde que ambos queiram se comprometer à resolução do conflito vivenciado. Conhecer o contexto, as situações que geram esses desentendimentos, certamente é o primeiro passo para romper tal barreira geradora de conflitos na vida do casal. Por isso, como apontam Mosmann e Falcke (2011), saber reconhecer quais os motivos que geram e desencadeiam os frequentes conflitos já é o início para conseguir lidar com essas questões e tentar solucioná-las.

Gottman Notarius (2000, *apud* MOSMANN; FALCKE, 2011) argumenta que para o senso comum um casal que não tem conflitos é o ideal de casal saudável, casal feliz. Porém, muitas vezes essa relação é inexistente, pois a convivência harmônica deve ser compreendida por meio do diálogo, companheirismo e tudo que o casal vivencia na vida cotidiana, tornando estável essa construção de confiança para ambos. Viver tendo o outro como companheiro

confiável não é afirmar que os problemas, as discussões não virão, pois eventualmente as diferenças um do outro se confrontarão, mas o importante é ter estratégias para saber lidar com essas dificuldades.

Nesses parâmetros, justifica-se a elaboração desse trabalho, mediante os contextos apresentados a seguir. Atualmente quase 140 mil casamentos são cancelados por ano no país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Dessa forma, Zordan (2010) apresenta algumas características que ela considera que tornam os casamentos menos duráveis na Contemporaneidade. A autora aponta que há menos tolerância aos conflitos, menos paciência e mais imediatismo. As mulheres são a maioria a buscar uma definição para o que estão vivendo, ou seja, elas se preocupam mais com a relação conjugal, com as dificuldades e são elas que com mais frequência procuram amenizar tais tensões.

Além das características citadas acima, a autora Féres-Carneiro (1998) aborda outro ponto que dificulta e pode promover uma tensão desgastante no casal, que é a dinâmica entre a individualidade e a conjugalidade. Na visão da autora, a Contemporaneidade traz um ideal para a relação conjugal, enfatizando a satisfação de cada cônjuge, deixando, assim, se perder os laços. Dessa forma, ela argumenta sobre a identidade conjugal, em que cada um tem seus desejos e sentimentos próprios, porém se confronta com o paradoxo da necessidade de viver a conjugalidade.

Ainda nesses parâmetros, como aponta Fráguas (2006 *apud* BÚRIGO, 2010) o conflito conjugal é um grande estressor na vida do ser humano e é capaz de provocar depressão. Nesse contexto vem crescendo o número de pessoas à procura de terapia de casal, na busca de qualidade de vida. O autor, assim, ressalta que por esse motivo a terapia de casal tem se apresentado como um importante instrumento, auxiliando nos quadros de depressão desencadeadas pelos conflitos na vida conjugal, sendo, por vezes, mais eficaz que tratamento com medicação.

Em consonância a isso, outro ponto a se destacar é que os filhos que presenciam os conflitos vivenciados pelos pais podem sofrer danos em sua saúde emocional, pois a exposição frequente de crianças a esses episódios é um fator determinante de estresse. Tal exposição é geradora de respostas emocionais intensas, podendo ser manifestadas por meio de condutas agressivas e ou depressivas, como destaca Cummings (1998, *apud* BENETTI, 2006). Posteriormente também pode haver dificuldades na adolescência, como conduta antissocial, abuso de substâncias e conflito com a lei (WAMBOLDT; WAMBOLDT, 2000; ZEANAH; SCHEERINGA, 1997 *apud* BENETTI, 2006).

Diante desse contexto, em que se verificam as fragilidades das relações, torna-se relevante esse trabalho teórico, vindo a problematizar e aprofundar o olhar que a Psicologia tem dado para essas dificuldades. Para tanto, se tem como problemas de pesquisa os seguintes questionamentos: De que maneira os problemas de relacionamento entre casais têm sido teorizados pelos pesquisadores brasileiros nos últimos 15 anos? Em que medida determinados aportes teóricos, de Psicologia e áreas afins, têm se destacado de forma mais contundente na teorização acerca das dificuldades de relacionamento na atualidade?

Diante do cenário apresentado, foi formulado o seguinte objetivo geral: analisar a produção acadêmica brasileira dos últimos quinze anos, na área de Psicologia, acerca da gênese das dificuldades de relacionamento na atualidade. E os objetivos específicos decorrentes são: compreender os principais argumentos teóricos utilizados pela Psicologia e áreas afins acerca da gênese dos problemas de relacionamento entre casais; e discutir, teoricamente, a natureza dos argumentos sobre os conflitos de relacionamento refletidos pelas mudanças relacionais e contemporâneas.

2 OS DISCURSOS SOBRE O AMOR

Faz-se relevante compreender como o amor se configura, a partir de alguns aportes teóricos. Freire Costa (1998) ressalta que o amor é uma invenção assim como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o computador, o cuidado com o próximo, o nazismo. O autor ressalta que o amor é uma crença emocional e nesse argumento, ele aponta três afirmações que sustentam esse credo amoroso, que são: “1. O amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2. O amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade e 3. O amor é a condição *sine quan non* da máxima felicidade a que podemos aspirar” (p.13).

Silva (2014) destaca que o amor surge como uma ética e como uma estética, integrando a formação humana e moral, e se apresenta como componente fundamental para o caráter do indivíduo. O autor nos apresenta, também, diferentes terminologias para designar o amor utilizadas pelos gregos. *Philos* e *philia* designavam o amor desinteressado. Eros assinalava o amor erótico. E ágape era apresentado como amor divino.

Dentro dessas conceituações, Silva (2014) também explana sobre o amor cortês, expondo que:

[...]em contraste com o amor cristão, surge o amor cortês como uma recusa das regras e dos padrões estabelecidos pela Igreja e pela sociedade. Este amor dá relevância à faceta do amor-paixão enquanto sofrimento e desejo insatisfeito, havendo, no entanto, uma idealização do objeto de amor, sendo a mulher considerada inalcançável (p. 29).

O amor cortês se refere a um desejo sensual e proibido, trazendo a satisfação sexual como primordial, misturando sentimentos e erotismo. Nesses parâmetros, contradiz as ideias cristãs. Ele acaba por ser enaltecido e elevado moralmente, transcendendo, assim, o humano. Dessa forma, o amor cortês é concebido como: “um amor representado por poetas às damas casadas, sendo posteriormente convencionado como amor irrealizado por parte de um cavaleiro relativamente a uma dama, sobressaindo como principal característica a cortesia (SILVA, 2014, p. 29).

O amor romântico tendo sua origem por meio do amor cortês (MACFARLANE, 1990 *apud* ARAÚJO 2002), surgiu no século XVIII, teve seu auge na Alemanha, sendo também um movimento cultural europeu, ligado a vertentes filosóficas, literárias e artísticas. O romantismo, também, superou o iluminismo, pois era uma constante busca de descoberta da idade média, sendo sua mística incompreensível pelos racionalistas (BRUSEKE, 2004).

O amor romântico para Giddens (1992 *apud* FÉRES-CARNEIRO, 1998), era um amor basicamente feminino, pois como aponta o autor: “cabia às mulheres suavizar a natureza rude e instável do amado, que se mantinha frio e distante até que seu coração fosse conquistado” (p. 3).

Costa (2005) define o amor romântico como: “um modelo histórico cultural que se desdobra em cinco dimensões” (p. 114). As dimensões apontadas pelo autor são: campo das emoções, idealização, modelo de relação, prática cultural, interações sociais.

No campo das emoções o vínculo é conduzido por um desejo de manter-se ligado ao outro, sendo entendido por uma expressão cultural. Na idealização o amor romântico faz com que a pessoa sintam-se única, reconhecendo seus méritos, porém retira a pessoa dos convívios interpessoais absorvendo-a inteiramente. Modelo de relação faz união das duas dimensões: sexual e emocional, traçando ideais de comprometer-se futuros. Prática cultural é resumida nos repertórios das múltiplas vivências sobre o amor nas diferentes culturas. Nas interações sociais o casal cria suas formas de diálogo, tornando-se únicas (COSTA, 2005).

Araújo (2002) apresenta um pouco da história sobre o amor, como era vivenciado na Antiguidade até chegar à Modernidade. A autora discorre que na Antiguidade os casamentos eram uma espécie de negócio entre as famílias, pois não havia a escolha do parceiro por amor ou paixão. A sexualidade não era colocada como ponto de prazer para o casal, mas sim para a reprodução. Dessa forma, essas relações eram vividas dentro do adultério.

Araújo (2002) conclui:

Da Antiguidade à Idade Média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que os dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade (p. 2).

Até o século V as uniões eram celebradas na casa da noiva, presidida pelos próprios pais, e assim os noivos faziam suas promessas de casamento e entregavam a herança. Após a queda do Império Romano a Igreja foi obtendo poder e interferência sobre o casamento. E então ela instituiu o casamento como único espaço para a sexualidade e apenas com o objetivo de procriação (ARAÚJO, 2002).

O casamento foi então instituído pela Igreja como lugar legítimo para uso dos prazeres desde que voltado para o seu fim natural: a procriação. Os teólogos instituíram regras básicas fundamentadas em três eixos principais: 1) a imposição da relação carnal (dívida conjugal) como algo obrigatório no casamento, sem a qual ele não teria sentido; 2) condenação de todo e qualquer ardor na relação carnal entre os cônjuges; e 3) a minuciosa

classificação dos atos permitidos ou proibidos, tendo em vista a função procriadora (ARAÚJO, 2002 p.3).

Silva (2014) aponta que desde que a Igreja passou a ter interferência os casamentos foram formalizados com a realização das cerimônias religiosas, com a presença do sacerdote, entrega do anel, escritura do dote assinada por testemunhas, com o consentimento dos pais e o acordo da Igreja.

Efetivamente, o sacramento do matrimônio baseia-se, em particular, no próprio contrato matrimonial, reconhecido apenas pela aprovação de um padre e pela confirmação de duas testemunhas, conferindo aos cônjuges graças especiais, para que possam cumprir os seus deveres, exprimindo a mútua aceitação dos direitos conjugais e criando um vínculo entre os esposos (SILVA, 2014, p. 83).

Araújo (2002) aponta que a Igreja foi perdendo o poder a partir da revolução burguesa, quando “tudo o que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com a serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas” (MARX; ENGELS, 1990 *apud* ARAÚJO, 2002, p. 02).

Após tal mudança foram também renovados os modos de vida social, pessoal e familiar. Com a Modernidade, veio a valorização do amor romântico e/ou amor paixão no casamento, predominando o erotismo na relação conjugal – fato antes repudiado pela sociedade (ARAÚJO, 2002).

O casamento por amor vai assim, lentamente, ascendendo na escala social até a era moderna, quando se estabelece como regra básica. A partir do século XVIII, quando o amor romântico se torna ideal de casamento, o erotismo expulsa a reserva tradicional, mas introduz um outro aspecto importante: coloca à prova a duração do casamento. Como o amor-paixão em geral não dura, o amor conjugal ligado a ele também não dura. O divórcio, então, coloca-se como uma possibilidade, não como forma de reparar o erro, mas como a sansão normal de um sentimento que não pode nem deve durar, e que deve dar lugar ao seguinte. Essa é uma das principais características do casamento moderno (ARIÈS 1987 *Apud* ARAÚJO, 2002, p. 4).

Para tanto, Araújo (2002) conclui:

Ao contrário do amor conjugal que aumentava com o tempo, o amor-paixão tende a acabar com o tempo. Esse é o grande desafio que os casais modernos enfrentam nos dias de hoje e que os leva a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento (p. 4).

A respeito dessa questão, Freire-Costa (1998) também nos apresenta um cenário parecido com o citado acima, quando afirma que o amor quando é bom não é durável e quando dura já não promove admiração. Dessa forma as pessoas acabam acreditando que o sinônimo de amar é sofrer, e acreditando nisso, elas preferem não ter nenhum tipo de

envolvimento, pois “realizar o amor sonhado tornou-se um desafio ou uma massacrante obsessão” (p.12).

Féres-Carneiro (1998) aponta que o ideal do amor romântico na perspectiva dos casamentos contemporâneos está cada vez mais sendo extinto, partindo resultante principalmente pela mudança histórica sobre a autonomia da mulher. Sendo assim o que antes era um compromisso para a vida toda, hoje, na Pós-Modernidade, não se configura mais assim.

Mediante tais considerações e o contexto histórico sobre o amor, é pertinente ressaltar algumas teorias proposta por autores da Psicologia, conforme compilação feita por Martins Silva *et. al.* (2003), que traz o autor Lee (1988), o qual fez um levantamento sobre o que seria amor nos livros e filmes de romance. Ele fez uma classificação dos dados levantados, utilizou-se também de entrevistas, e chegou aos estilos propostos: Eros, Ludus, Storge. A partir desses três, o autor criou derivações, tais como: Eros + Storge = Ágape. Já a teoria proposta por Maslow (1962) apresenta dois tipos de amor, os quais são: D-love (deficiency love/ amor deficiente) e B-love (being love/ amor). O autor assinala que o primeiro refere-se ao sentimento pelo outro com o objetivo de satisfazer as próprias necessidades. Já o segundo alude a pessoas que já são realizadas, ou seja, amam pelo o que o outro é.

A teoria do apego, criada por John Bowlby teve início a partir da observação de comportamento, tendo como ponto de partida a teoria das relações objetais. Bowlby (1979/1997, *apud* RAMIRES; SCHNEIDER, 2010) define o apego como um vínculo em que a pessoa deposita total segurança em uma figura de apego, tendo a mesma como uma base segura.

O autor aponta, ainda, que:

Como outros sistemas básicos, o de apego é supostamente pertencente a um processo de seleção natural, pois oferece uma vantagem em termos de sobrevivência, pelas chances de proteção obtidas pela proximidade das figuras de apego (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010, p. 26).

Martins-Silva *et. al.* (2003) afirmam que a teoria “se baseia na proposição de que a evolução da espécie humana equipou o ser humano com vários sistemas de comportamentos que aumentam a possibilidade de sobrevivência e o sucesso reprodutivo” (p. 23). Em consonância a isso, Bowlby (2002 *apud* MARTINS-SILVA *et. al.*, 2003), revela que o sistema de apego é de extrema importância, pois permite bom desenvolvimento em outras áreas, tendo em vista que o apego promove a ligação do bebê com o cuidador, esse que lhe proporcionará segurança e proteção.

A função dessa teoria é basicamente a relação de proteção da mãe-bebê, permitindo que a criança explore seu ambiente. E essa busca física procurada na mãe pelo bebê surge a partir do seu primeiro ano de vida permanecendo durante boa parte da infância (BOWLBY, 1969/1990 *apud* PONTES *et. al.*, 2007).

Bowlby (1969/1990 *apud* PONTES *et. al.*, 2007) destaca dois modelos de apego: seguro e inseguro. No apego seguro, o autor aponta que, quando ele é desenvolvido, resulta em aspectos de valorização, autoestima e boas expectativas. No apego inseguro possivelmente resultará reações de insegurança e desvalorização, seguidos de alguns comportamentos como raiva e agressão.

Mantelli e Pinheiro (2011) apontam que as relações íntimas são formadas pela proximidade física, formação essa que foi criada anteriormente no apego. Ou seja, dependendo do jeito como foi formado o apego, haverá influência no relacionamento afetivo.

Apesar da busca de proximidade no adulto ser diferente e mais complexa que na criança, ela é similar e é facilitada pelo contato físico íntimo nos dois momentos do ciclo de vida (SHAVER, *et. al.*, 1988 *apud* MANTELLI; PINHEIRO 2011).

Nesse sentido, Rodrigues (2009) ressalta que quando a pessoa torna-se adulta transfere esse apego para outra pessoa, seja um amigo ou parceiro afetivo, e nessa pessoa ela encontra seu novo apego. O autor também enfatiza que há evidências de que pessoas que desenvolveram o apego seguro, tem maior facilidade em desenvolver seus talentos e reconhecer suas habilidades, ou seja, as experiências de um apego seguro na infância resultam no apego das relações adultas.

3 O ADOECIMENTO DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA ATUALIDADE: MÚLTIPLOS OLHARES.

Para Mazzolini (2006) a Contemporaneidade é um conceito complexo e reflete uma série de mudanças sociais, tais como nos aspectos político, econômico, social e educacional, além de afetar velhos e novos paradigmas, princípios, costumes, valores éticos e morais, estética, produção cultural, estilos de ser e de aprender, processos de pensamento, entre outros. A autora assinala que esses aspectos foram mantidos por várias gerações, porém, atualmente, não mais se solidificam em virtude de algumas características da Pós-Modernidade: a rapidez, a banalização dos costumes e dos conceitos, os objetos descartáveis e obsoletos, a fragmentação, a globalização, o mundo de imagens, o mundo virtual, a imitação, a des-territorialização, a turbulência.

Jamenson (1995 *apud* DINIZ-NETO *et. al.*, 2005) sinaliza a Pós-modernidade como a cultura que se tornou um produto, e o mercado o seu próprio substituto, uma ruptura. “Resposta cultural ao capitalismo tardio, ou às novas formas de dominação nas quais a própria cultura se torna mercadoria de consumo” (p.135).

Diniz Neto *et. al.* (2005) acrescentam que:

O discurso pós-moderno assume uma tarefa ideológica fundamental: a de coordenar as novas práticas e hábitos sociais e mentais, em novos padrões de organização e de produção econômica, que geram novas formas de subjetividade (p. 135).

Nesse contexto, Baumam (2004) afirma que os relacionamentos tem se tornado mais frágeis na Contemporaneidade em decorrência do consumismo. Dessa forma, essa questão entra em discussão através da visão de alguns autores como Fromm (2015); Baumam (2009); Freire-Costa (2004) que trazem questionamentos acerca do tema, e, assim, apresentam uma melhor compreensão dessas dificuldades enfrentadas nos relacionamentos afetivos contemporâneos.

Na visão do psicanalista Erich Fromm (2015) o amor é uma arte e precisa ser aprendido, ou seja, para isso é necessário conhecimento e esforço. Ele acrescenta que “o processo de aprendizado de uma arte pode ser dividido em duas partes: uma, o domínio da teoria; a outra, o domínio da prática” (p. 6). O autor apresenta que o amor não é um sentimento natural, que nasce como algo avassalador, mas é um investimento diário que deve ser cultivado a fim de ser aprendido e colocado em prática. Nessa perspectiva, compreende-se que em muitas relações ocorre pouco investimento mútuo por parte dos parceiros e, com o

tempo, aquelas acabam se tornando vazias, pois muitas pessoas esperam que o amor aconteça em suas vidas como algo arrebatador.

A esse respeito, o autor argumenta:

O primeiro passo é tomar consciência de que amar é uma arte, do mesmo modo que viver é uma arte; se quisermos aprender a amar, deveremos proceder da mesma maneira como quando queremos aprender outra arte, por exemplo, música, pintura, marcenaria ou as artes da medicina ou da engenharia (FROMM, 2015, p. 06).

Descrevendo o amor como sendo uma arte, o autor externaliza que, por meio do domínio da teoria e da prática, é possível alcançar o aprendizado. Somando-se a isso, para aprender qualquer arte é necessário determinação e coragem e, para o amor, essa questão não é diferente. No entanto, alguns questionamentos a respeito são levantados: será que o indivíduo hoje está tão voltado para si mesmo que não dispensa mais investimentos no outro? Ou será que o cenário dos vínculos afetivos pós-modernos está tão desfavorável que as pessoas não querem mais apostar nos relacionamentos? Ou será que além desses pontos explicitados, há outros fatores que interferem e que respaldam essas dificuldades nos relacionamentos afetivos na Contemporaneidade?

Diante dessas especulações, Fromm (2015) ressalta que, além da teoria e da prática, deve-se levar em conta outro ponto relevante. Ele afirma que é fundamental haver a preocupação de que nada deve ser mais importante do que essa arte, ou seja, eis aqui um argumento para as dificuldades de desenvolvimento do amor.

Apesar do profundo anseio por amor, quase tudo é considerado mais importante que o amor: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder – quase toda a nossa energia é empregada em aprender a alcançar esses objetivos, e quase nenhuma em aprender a arte de amar (FROMM, 2015, p. 07).

Na esteira desse contexto, entende-se que essa seja uma das principais causas que contribui para crises nas relações afetivas: a falta de investimento de ambas as partes, fazendo com que os vínculos não se sustentem. O autor também fala que o amor implica certos elementos básicos, os quais são: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Compreende-se, então, que tendo como princípio esses elementos, há possibilidade de se manter em uma relação duradoura e saudável, algo que parece ser utópico diante de uma sociedade com tantos valores concorrentes.

Outro ponto, exposto por Fromm (2015), é a questão da busca de sentido para a existência humana. Muitas pessoas vivem em busca de um sentido, algo que as faça ter uma melhor compreensão de sua existência. Fromm (2015) argumenta que o amor é a resposta para o problema da existência humana, mas que as pessoas estariam buscando outras

respostas, investimentos menos árduos, que não lhes cobrem tanto e que lhes satisfaçam prontamente, mesmo que momentaneamente. O autor compreende a busca dessas pseudo-respostas minimizadas por meio da massificação, uniformização, bebidas alcoólicas e os estados orgiásticos. A sociedade tem instaurado a uniformização de forma sutil, e as pessoas, sem se darem conta, aos poucos estão subjetivadas no mesmo padrão.

Nessa direção, nas palavras de Fromm (2015),

A sociedade contemporânea prega esse ideal da igualdade não individualizada porque necessita de átomos humanos, cada um idêntico ao outro, para fazê-los funcionar em massa, suavemente, sem atrito. Todos obedecendo aos mesmos comandos, embora todos estejam convencidos de que estão seguindo seus próprios desejos (p. 20).

Freire-Costa (2004), ao argumentar sobre o consumismo, ressalta que “depois das grandes revoluções tecnológicas e econômicas, a produção capitalista, para ser escoada, teve e tem de ser vendida em um fluxo contínuo [...] para que a máquina do lucro não pare” (p.78). Com isso, o autor retoma a posição de Bauman (2009), de que o capitalismo nos leva a consumir compulsivamente para atender as demandas do mercado.

Ao retomarmos a discussão anterior, Bauman (2009) diz sobre a velocidade em que as coisas acontecem, o que torna tudo muito líquido. A evolução tecnológica cresce a cada dia, as pessoas precisam ser ativas, pois em qualquer distração corre-se o risco de ser deixadas para trás na competição do cenário Contemporâneo. Dessa forma, os eventos da vida não precisam durar, mas acontecer imediatamente, pois só assim é possível desfrutar e, principalmente, consumir todas as “maravilhas” que a sociedade capitalista apresenta.

Partindo dessas premissas, o autor amplia:

Velocidade, e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena. Ou pelo menos é isso que o “lumpem proletariado espiritual” tenta e espera alcançar. O truque é comprimir a eternidade de modo a ajustá-la, inteira, à duração de uma existência individual (BAUMAN, 2009, p. 15).

Diante dessa sociedade de consumo e de crescimento tecnológico, o autor expõe, ainda, que as relações não mais se solidificam, pois as facilidades em comunicar-se tem interferido nessa questão. Ele aponta que as pessoas tem buscado relacionar-se por meios virtuais, o que torna tudo mais fácil tanto para iniciar quanto para finalizar um relacionamento. E é basicamente esse o rumo que a sociedade tem levado, como aponta Bauman (2004), em que as pessoas se comunicam mais, estão a todo o momento conectadas, porém de forma breve, fazendo com que essa interação não promova espaço para que aconteçam vínculos duradouros.

Partindo desse contexto, a sociedade, indiretamente, determina que os relacionamentos a longo prazo geram desconforto, então o melhor é não solidificar, e descartar assim que os problemas começarem a surgir.

Retomando a visão de Freire-Costa (2004), vale destacar que por influência da mídia, as pessoas buscam estar nesse padrão do consumo, tendo em vista que elas são valorizadas a partir daquilo que usam, ou seja, elas são vistas e reconhecidas socialmente conforme a “melhor” marca de roupa, sapato, carro importado, etc. Com essa valorização pela compra de objetos, as pessoas começam a investir veementemente nesses adornos pelo receio de serem ridicularizadas, caso não acompanhem as tendências da moda.

E assim Freire-Costa (2004) conclui:

O consumo de objetos, portanto, não se impõe apenas pela visão da moda publicitária nas vidas pessoais. O aparato de objetos caros e elegantes é o signo, por excelência, da distinção social de seus possuidores. Por isso passaram a fazer parte da identidade pessoal dos mais abastados e, por extensão, da imensa maioria da sociedade. É entendível, assim, que a compra incessante de novos produtos se torne uma “demanda imaginária” tão coercitiva quanto qualquer “necessidade biológica”. Afinal, ninguém se contenta em sobreviver fisicamente, pelo consumo de nutrientes. Somos seres de cultura que não têm apenas fome de pão, mas também de prestígio social (p. 80).

Pondé (2014) ressalta que há uma constante busca pelo autoaperfeiçoamento, que, segundo o autor, é uma das doenças do nosso mundo, pois quando há uma obsessão pela perfeição na qual tudo deve estar em equilíbrio, podem haver sérios desentendimentos para o casal. O autor aponta que um dos principais pontos de tensão que tal busca pode vir a gerar é no sexo, pois: “Assim como muitas mulheres lindas entediam, justamente pelo seu aspecto Barbie, a ideia de uma relação perfeita é entediante. Um dos maiores danos da revolução sexual foi justamente a idealização do sexo e da parceira afetiva” (p. 101). Dessa forma o auto-aperfeiçoamento pode gerar tensão em ambos, pois ao mesmo tempo que se procura, exige-se que o parceiro também procure.

Fromm (2015) destaca que o consumismo, tão impregnado em nossa civilização, é um paliativo para sanar a solidão existente, causada pelas duras rotinas de trabalho que fazem com que as pessoas permaneçam com seus desejos humanos de transcendência inconscientes e, para isso, elas buscam suprir com consumos e diversões, pois, como destaca o autor, o “nosso caráter está equipado para trocar e receber, barganhar e consumir” (p. 108) e, assim, compram compulsivamente as principais novidades oferecidas pelo mercado capitalista.

Fromm (2015) conclui:

O homem moderno está bem próximo do retrato feito por Huxley em seu *Admirável mundo novo*: bem nutrido, bem vestido, sexualmente satisfeito, mas sem eu, sem nada, salvo o mais superficial contato com seus semelhantes, guiado por slogans que Huxley formulou tão sucintamente (p. 107).

Bauman (2008) ressalta que o consumidor passa a ser alvo do próprio consumo, pois nessa sociedade o consumir não é mais uma questão de escolha, mas uma exigência social. Dessa forma, as pessoas tem o direito de escolher suas mercadorias, porém precisam também se adequarem as tendências atuais. Assim, através dessas escolhas, as pessoas se tornam reféns e acabam se vendendo nessa lógica, no processo de objetificação, como é descrito no argumento do autor: “é preciso primeiro se tornar uma mercadoria para ter uma chance razoável de exercer os direitos e cumprir os deveres de um consumidor” (BAUMAN, 2008, p. 89).

Nesse mesmo sentido o compositor Chico Buarque, ao escrever a letra da música *A Construção* (1971, Philips Records), nos faz refletir com sua arte, quando ele fala que:

Amou daquela vez como se fosse máquina. Beijou sua mulher como se fosse lógico. Ergueu no patamar quatro paredes flácidas. Sentou pra descansar como se fosse um pássaro. E flutuou no ar como se fosse um príncipe. E se acabou no chão feito um pacote bêbado. Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado.

Diante de tais afirmações percebe-se o quanto somos alienados por viver certas situações que nos aprisionam simbolicamente, nos tornando reféns dos objetos, das coisas, pois estes acabam se sobrepondo a figura do ser, e assim acabamos por valorizar não a subjetividade do outro, mas o ter do outro, num processo de coisificação.

E ainda nesse contexto, Fromm (2015) firma que:

O homem moderno alienou-se de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza. Ele foi transformado numa mercadoria, experimenta suas forças vitais como um investimento que precisa lhe proporcionar o maior lucro capaz de ser obtido nas condições de mercado existentes (p. 106).

Fromm (2015) destaca que o homem tem depositado todo seu investimento no que se refere as coisas materiais e está tão alienado à isso que pensa ter liberdade de escolha, no entanto, ele não tem essa liberdade, pois a todo momento é cercado pelos objetos de consumo expostos pelo mercado capitalista e precisa escolher entre esse ou aquele. Em outras palavras, qualquer que seja sua escolha será sempre pelo consumo. Dessa forma, como expõe Bauman (1998), em sua estratégia do “salve-se quem puder”, as pessoas precisam ceder e portar esses objetos. Nesse entendimento, o autor aborda que “*os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo*” (2007, p 76) e, por serem eles mesmos a

mercadoria, passam a ser sujeitos da própria escolha. Sendo assim, as pessoas não poderão sentir-se livres, pois estarão sempre direcionados para o consumismo.

A partir dessas situações, o amor vai se extinguindo e a humanidade vai sofrendo essas consequências, em que a guerra e a luta pelo poder se tornam maiores e predominantes em nossa sociedade pós-moderna. Assim, como ressalta o filósofo Pondé (2014), “de alguma forma a marca definitiva do contemporâneo é o narcisismo estéril e o individualismo histórico” (PONDÉ, 2014, p. 99).

Mediante esses aspectos, em que se pode ver claramente uma fragilidade nas relações afetivas, instaurada muitas vezes pela sociedade líquida, “a vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo” (BAUMAN, 2009, p. 07). Com isso, o autor aponta que as relações não foram feitas pra durar, que os vínculos não se sustentam mais, pois as pessoas não mais se dispõem a buscar relacionamentos duráveis. Ele coloca que o melhor é descartar, pois a quantidade desses eventos, objetos e até mesmo as relações, tem se tornado mais interessante do que a qualidade.

Nessa direção, nas palavras de Bauman (2009):

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las (p. 08).

Dessa forma, o individualismo é cada vez mais predominante e as pessoas se tornam menos interessadas pelo outro, tendo como consequência a crescente debilitação dos laços sociais.

Um estudo realizado com jovens adultos, sobre relacionamentos amorosos na Contemporaneidade objetivou conhecer a percepção desses entrevistados frente aos relacionamentos Contemporâneos. O individualismo foi um ponto que se destacou como uma das características dos relacionamentos na Pós-Modernidade. Os jovens entrevistados expuseram que o individualismo vem sendo adocedor, pois os casais buscam realizar seus próprios desejos, independente do que o outro acha (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

Nesse parâmetro, identifica-se, por meio dos relatos explicitados nesse estudo, que as pessoas tem priorizado a busca pela estabilidade financeira. Elas estão colocando como primordial a realização dos seus projetos pessoais, a conquista pelo melhor cargo, deixando a desejar a questão familiar. Dessa forma, Smeha e Oliveira (2013) afirmam que essa redefinição de papéis tem se modificado após a revolução industrial.

Assim, concluem:

Todas essas modificações, ocorridas após a Revolução Industrial, influenciaram na caracterização e na estruturação desses relacionamentos. Assim, percebe-se, por meio do relato dos participantes de ambos os sexos, em especial os que se encontravam em uma relação estável, a predominância de projetos pessoais individuais, em que a prioridade dos indivíduos é a formação acadêmica, a construção de uma carreira, a estabilidade profissional e até mesmo o status social (SMEHA; OLIVEIRA, 2013, p. 37).

Bauman (2009) ressalta que a todo instante o indivíduo na sociedade contemporânea busca a sua individualização e a sociedade o impulsiona a isso. Porém, além dessa busca ser em vão, o autor aponta que essa realidade não pode ser consolidada e que, na verdade, “o único ato que o faria diferente e, portanto, genuinamente individual, seria tentar – de modo desconcertante e surpreendente – *não ser* um indivíduo” (p. 26). Ou seja, uma tentativa quase que impossível. Ainda nesse sentido, mesmo sendo em vão, o sujeito busca tal conquista, investe veementemente nesse desejo, interpelado pela própria sociedade que o faz buscar esses meios e, nesse investimento constante em si, acaba por desinvestir nas relações.

Diante dessa especulação, o autor adverte que há busca inquietante do sujeito em tornar-se individual, que ele se propõe a qualquer situação para obter tal “conquista”. E é essa busca que tanto fragiliza os vínculos, pois uma vez que o sujeito se preocupa a todo o momento e de forma permanente na manutenção da sua individualização, não sobra o investimento para a sustentação da área afetiva, para a consolidação dos relacionamentos.

Bauman (2009), conclui:

Com muita frequência, a viagem de autodescoberta termina numa feira global em que receitas de individualidade são vendidas no atacado – “você nunca vai encontrar outra melhor” – e onde todos os kits de montar que são exibidos nas vitrines são fabricados em massa, segundo o último modelo da moda (p. 29).

Nessas condições, como coloca o autor, por meio da busca pela individualização, o sujeito não consegue se representar perante a sociedade de forma autêntica e firme. E essa dificuldade acaba, também, por refletir dentro dos relacionamentos, pois por essa identidade ter se tornado um problema, o sujeito acaba gastando muita energia psíquica em busca dessa individualização isso faz com que não sobre investimento para as outras áreas. A identidade pessoal, a forma como a pessoa se representa no meio social não deve ser a mesma que a identidade quando dentro de um relacionamento, pois a partir do início dessa relação, os dois, juntos, devem construir uma identidade só. Essa relação se torna muito difícil na Contemporaneidade, segundo Féres-Carneiro (1998). Ela aponta que há influência dos valores

da individualidade, enfatizando os interesses individuais e deixando os laços de interesse conjugal de lado.

Assim, a autora conclui:

A constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. [...] Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 5).

Nesse contexto, a psicanalista Pinheiro (2014) traz considerações acerca do narcisismo. A autora argumenta que as pessoas, ao se perderem em sua subjetividade, sentem necessidade constante de provar a própria existência, reafirmar esta. Dessa forma, Pinheiro enfatiza a questão do *selfie*, pois, em sua concepção, é uma das expressões das relações narcísicas. Ela argumenta que por meio do olhar do outro é que a pessoa consegue existir, por isso o desejo constante em exibir-se por meio do *selfie* a imagem, demonstrando ser uma imagem forte, mas que, na verdade, trata-se de um ser frágil e que necessita do olhar do outro para se sentir vivo.

Nessa mesma direção, Pondé (2014) conclui:

O narcisismo não é uma marca de alguém que se ama muito, mas a marca de alguém que vive lambendo suas feridas porque é um miserável afetivo (p. 64).

Nessa perspectiva, outrossim, o autor argumenta que vivemos em uma sociedade em que a solidão tem se instalado a cada dia, que as pessoas tendem a falar o que pensam, porém a respeito de coisas irrelevantes e banais. E para fugir da solidão, que segundo ele “corrói”, vivemos em uma variação entre balada e depressão, que chegará um momento em que, conscientemente, optaremos pela solidão. Ele pontua, ainda, que essa solidão, muitas vezes, aparece através das fotos camufladas pela falsa alegria, pois nunca se tirou tanta foto como se tira nos tempos atuais.

Há outra modificação nas relações contemporâneas que também se configura como agente das dificuldades de relacionamentos na Contemporaneidade: trata-se da nova visão e perspectiva da mulher.

Nas palavras de Birman (2003):

As mulheres não queriam mais se restringir à estrita condição materna, espartilho agora bastante apertado para as suas novas aspirações. A

maternidade passou a se inscrever então no campo mais abrangente da condição feminina, que poderia e deveria se singularizar de múltiplas maneiras. A invenção dos anticoncepcionais foi uma alavanca poderosa deste processo, certamente, pois pela mediação desses as mulheres puderam separar seguramente o exercício livre do erotismo do imperativo incontornável da reprodução. Conquistaram então um outro domínio sobre o corpo e o desejo, que lhes possibilitou a referida singularização, já que a reprodução poderia ser assim melhor controlada. [...] Este processo produziu uma enorme transformação na ordem familiar (p.14).

Essas considerações, dentre outros aspectos, apontam para fatores que problematizam e dificultam as relações afetivas, pois a mulher tem seus projetos e planos que não mais se limitam ao casamento, gerando, então, uma desordem na família moderna, o que faz com que os divórcios se multipliquem, diferenciando essa família daquela histórica, onde ter um casamento finalizado era sinônimo de desonra e escândalo (BIRMAN, 2003).

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa pesquisa foi desenvolvida como um estudo qualitativo, que, de acordo com Godoy (1995), tem como preocupação fundamental a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Valoriza-se por meio do contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação e/ou tema a ser estudado.

O tipo de pesquisa de cunho explicativo, que teve como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2002).

O desenvolvimento do trabalho tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, com consultas de dados na plataforma Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), na área da Psicologia. Esse estudo é denominado “estado da arte”, que constitui-se em levantamentos de dados de determinada área, desenvolvimento de protótipos de análises de pesquisas, avaliação da situação da produção de conhecimento da área focalizada. Pode, também, estabelecer relação com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes e apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo orientações de práticas pedagógicas para a definição dos parâmetros de formação de profissionais para atuarem na área. Esses estudos são justificados por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes (BRANDÃO, 1985 *et al.* *apud* ROMANOWSKI, 2006).

Foram selecionados artigos sobre o tema relacionamentos. Para essa busca foram utilizados os seguintes descritores: vínculos; ou conjugalidade; ou relações afetivas /amorosas; ou divórcio; ou casamento; ou conflitos familiares; ou configurações familiares; ou família, qualidade/ajustamento/satisfação conjugal.

Após coletados os artigos, realizou-se uma análise desses conteúdos que, segundo Cavalcante *et al.* (2014, p. 14): “compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados”.

Dessa forma, após a coleta dos dados, foram adotados como critério de exclusão os artigos analisados que se afastaram claramente da temática, não possuindo ligação direta com a problematização teórica ou empírica das relações afetivas na Contemporaneidade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas leituras dos artigos coletados na pesquisa, foram encontrados 47 artigos. E conforme o critério de exclusão desse estudo explicitado na metodologia somente 8 artigos os preenchiam. Diante da coleta desse material, leituras mais aprofundadas foram realizadas com o objetivo de encontrar quais as principais características acerca do tema eram mais constantes. A seguir serão apresentados os resultados dessa coleta de dados.

A tabela abaixo apresenta resumidamente os 8 artigos elencados:

Tabela 1: Artigos coletados

TIPO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	AUTOR E INSTITUIÇÃO	ANO	OBJETIVO	MÉTODO	RESULTADOS
Artigo	Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal	Casamento; relações conjugais; estilos de enfrentamento; mulheres.	Maria Lúcia Teixeira Garcia e Eda Terezinha de Oliveira Tassara. Universidade Federal do Espírito Santo Universidade de São Paulo.	2001	Este estudo analisa estratégias de enfrentamento para a manutenção do casamento, utilizadas por mulheres casadas há mais de 15 anos e pertencentes a estratos econômicos médio e alto, para superação ou minimização de conflitos do cotidiano conjugal.	Utilizou-se a técnica da bola de neve para escolha das entrevistadas. Realizou-se entre três a quatro entrevistas semiestruturadas	-Silêncio ou o adiamento da busca de solução dos problemas.
Artigo	Amor, casamento e sexualidade: Velhas e novas configurações	Amor, casamento, sexualidade, modernidade.	Maria de Fátima Araújo. Universidade Estadual Paulista.	2002	Revisitar a história do amor, do casamento e da sexualidade buscando resgatar o processo de construção e transformação das relações amorosas da antigüidade à modernidade.	Revisão de literatura	- Determinações econômicas, culturais e de gênero; - Novo ideal de conjugalidade: O amor como prática para o casamento.
Artigo	Problemas no casamento: uma análise qualitativa	Problema, Família, Casamento	Maria Lúcia Teixeira Garcia e Eda Terezinha de Oliveira Tassara. Universidade Federal do Espírito Santo Universidade de São Paulo.	2003	O presente trabalho objetiva identificar e analisar os tipos de problemas vividos no casamento referidos por mulheres casadas há mais de 15 anos e pertencentes a estrato econômico médio e alto residentes na Grande Vitória, Espírito Santo	Foram entrevistadas 20 mulheres utilizando roteiro de entrevista semiestruturada	- Mudanças ocorridas no cenário social; - Novas formas de conjugalidade: a premissa da durabilidade é contestada mesmo antes do início do relacionamento.
Artigo	Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades	Psicoterapia de grupo; pós-modernidade; relações conjugais;	Terezinha Féres-Carneiro e Orestes Diniz Neto. Universidade Católica do Rio de Janeiro	2005	O objetivo deste trabalho foi abordar a crise da conjugalidade na pós-modernidade e indicar novas possibilidades psicoterapêuticas.	Revisão de literatura.	- Relações com a produção de novas formas de subjetividade e de conjugalidade;

		subjetivação	Universidade Federal de Minas Gerais				
Artigo	A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento	Gênero. Atitudes. Tarefas domésticas. Casamento.	Bernardo Jablonski. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2010	O presente trabalho teve como objetivo maior pesquisar o cotidiano do casamento de jovens casais que se dividem entre a vida familiar e a profissional. Procuramos investigar como vem se dando entre os membros de casais urbanos de classe média a negociação de tarefas dentro do lar face às novas demandas impostas pelo ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho.	Metodologia qualitativa; Entrevistas semiestruturadas; Cada membro entrevistado separadamente. Com duração de 30 minutos cada.	- Dificuldades demonstradas pelos homens em compartilhar de forma igualitária as tarefas domésticas; - Dupla jornada de trabalho da mulher.
Artigo	Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais	Métodos de pesquisa, casamento, psicoterapia, divórcio.	Terezinha Féres-Carneiro e Orestes Diniz Neto. Universidade Católica do Rio de Janeiro Universidade Federal de Minas Gerais	2010	O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão sobre padrões de formação e dissolução da conjugalidade, como um processo interacional.	Revisão de literatura nas bases de dados: PsycINFO e SciELO	- Nascimento do primeiro filho; - Falta de diálogo; - Família primária.
Artigo	Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional	Satisfação conjugal; relações conjugais; psicologia positiva.	Fabio Scorsolini-Comin Manoel Antônio dos Santos. Universidade Federal do Triângulo Mineiro Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	2010	Este estudo tem por objetivo apresentar uma revisão integrativa acerca do construto 'satisfação conjugal.'	Trata-se de um estudo de revisão integrativa. Nas bases de dados LILACS e SciELO (1970-2008).	- O constructo é composto por diferentes variáveis: características da história da família de origem - Trabalho que correlaciona a variáveis da satisfação

							conjugal: comunicação,
Artigo	Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor	Namoro, casamento, significado de casamento, expectativas, conflito.	Sofia Raquel Alves Fonseca; Cidália Maria Neves Duarte Universidade do Porto	2014	O presente estudo, de natureza exploratória, analisa os significados do casamento e amor. As expectativas para o casamento, o cônjuge e o próprio casamento. A emergência e resolução do conflito, em duas fases: namoro e casamento.	Entrevista semiestruturada. Entrevistaram-se cinco casais heterossexuais (cada cônjuge separadamente) casados há pelo menos dois anos, sendo que o namoro foi explorado retrospectivamente.	- As díades, no namoro, não exploram intencionalmente os significados e expectativas para o casamento; este assume diferentes significados; as expectativas, quando casados, veem-se correspondidas ou superadas; e, no casamento, surgem novas fontes de conflito, (as diferenças individuais, as expectativas não correspondidas, a percepção de desigualdade laboral, as experiências extraconjugais, o consumo de

							álcool e drogas, a família de origem, as finanças, a comunicação).
--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

5.1 Novo Ideal de Conjugalidade

Nos artigos de Araújo (2002), Garcia *et. al.* (2003) e Féres-Carneiro *et. al.* (2005), foram apontados o novo ideal de conjugalidade como causadores de problemas de relacionamentos. Dessa forma, como explicitados no referencial teórico, alguns autores percebem mudanças nesse ideal e trazem argumentos a esse respeito.

Na antiguidade os casamentos tinham função de ligar as famílias, e o amor nessa época não era considerado. O amor paixão era vivenciado nas relações extraconjugais. A partir do século XVII se iniciou uma mudança nas configurações do casamento, no qual os cônjuges passaram a aderir o amor em suas relações, ou seja, o enlace matrimonial já não era sinônimo apenas de união familiar (FLANDRIN, 1981 *apud* FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Diniz-Neto (2005) aponta alguns fatores culturais que estão relacionados com as mudanças na conjugalidade, entre eles estão a inserção da mulher no mercado de trabalho, o movimento feminista, os novos papéis atribuídos a homens e mulheres. O autor também ressalta que a sociedade contemporânea oferta para as pessoas várias modelos de identidades e elas acabam aderindo a todas. Contudo, diante dessas ofertas identitárias, quando o casal se depara com a insatisfação conjugal, a primeira solução é o rompimento da relação. Nesses parâmetros, Goldenberg (2001) ressalta que os divórcios têm ocorrido com mais frequência devido à liberdade de escolha dos respectivos cônjuges.

Baumam (2004) ressalta que na contemporaneidade as pessoas tem buscado vivenciar muitas coisas, bem como relacionamentos, porém não querem se envolver com compromissos. Dessa forma o cenário líquido, como aponta o autor, tem enfraquecido os laços, favorecendo as principais dificuldades de relacionamentos afetivos, chegando até o fim dos casamentos.

Outra situação que salienta as mudanças conjugais é o crescimento da autonomia conjugal, ou seja, a não participação da família na escolha dos cônjuges dos filhos. Nesse sentido, o casamento perde sua função de instituição e isso faz com que ele perca força na manutenção da vida em comum².

Agrega-se a isso os valores socioculturais que aprovam a autonomia e desvalorizam a dependência dos novos núcleos familiares em relação as suas famílias de origem [...] na contemporaneidade os parceiros insatisfeitos com sua relação conjugal não mais permanecem juntos em nome de um princípio institucional (p. 15).

² Informação disponível no site: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8577/8577_3.PDF, com o título: “O Casamento no contexto Psicossocial” da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ.

Os casais buscam viver essa independência das suas famílias de origem e na busca dessa autonomia acaba surgindo o individualismo no casamento em que cada um busca seus próprios projetos individuais, não priorizando a partilha conjugal.³

5.2 Multigeracionalidade

Nos artigos de Féres-Carneiro (2010), Scorsolini-Comin *et. al.* (2010), Fonseca *et. al.* (2014) foi apontada características da família de origem como causadoras das dificuldades de relacionamentos.

Para essa discursão Martins *et. al.* (2008 *apud* BUENO *et. al.* 2013) ressaltam que a criança experimenta seu pertencimento na família, adquirindo valores, crenças, regras e mitos, bem como adquire sua singularidade e individualidade, isso acontece ao longo de sua evolução naquele seio familiar.

O casamento é considerado uma das maiores instituições, pois a maioria das pessoas passa por ele alguma vez na vida, e atualmente passam até mais de uma vez. Sendo assim, os parceiros irão deixar suas famílias de origem para formar uma nova (MOSMANN *et. al.*, 2006; WHITAKER, 1995 *apud* BUENO *et. al.*, 2013). Para tanto, Carter & Mcgoldrick (1995 *apud* ROLIM *et. al.*, 2013) ressaltam que o casamento consiste na união de dois sistemas, o casal e a família de origem de ambos, ou seja, não é apenas a união de dois indivíduos.

Cada indivíduo carrega consigo os aprendizados obtidos em suas respectivas famílias, e ao casarem levam cada qual essa bagagem, e assim eles estabelecem suas formas próprias de se relacionar, o que faz com que haja uma repetição de padrões multigeracionais. Dessa forma, se o indivíduo vivenciou situações nas quais algum tipo de ansiedade foi gerado, esse padrão tende a se repetir em sua família nuclear (NOGUEIRA, 2010).

A família é a matriz da identidade, assim fatores como a forma como os pais se relacionavam entre si e administrava o desafio de manter sua individualidade através da conjugalidade, bem como a liberdade que davam para seus filhos se desenvolverem emocionalmente, através do respeito as suas fronteiras e o nível de ansiedade que mantinham a cada crise no processo de desenvolvimento acrescentam um aprendizado no que deve ser uma relação conjugal e de como essa funciona, seja essa crença real ou não (ROSSET, 2003 *apud* NOGUEIRA 2010).

M.Nichols e Schwartz (1998) a despeito da teoria Boweniana, na qual, conforme o autor, aspectos decorrentes da família nuclear afetam a família de origem. Por conseguinte, a diferenciação do self é “a capacidade de separar o sentimento do pensamento” (p. 312). Dessa forma, o autor aponta que quando não há essa diferenciação na família do indivíduo,

³³³³ Informação e Citação retirada disponível no site: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8577/8577_3.PDF, com o título: “O Casamento no contexto Psicossocial” da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ.

possivelmente haverá uma transformação no casamento, culminando em sérios problemas conjugais. Para tanto quando uma pessoa está diferenciada, ela é menos inflexível e por esse motivo encontram maior segurança em seus relacionamentos.

O processo multigeracional que está por trás deste sintoma complexo é considerado um subproduto do nível de diferenciação dos pais de suas famílias de origem, exibindo e exacerbando, primeiro dentro do casamento, e depois transmitindo entre os pais (segundo Bower em relação a mãe) e a criança sintomática (M.NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p. 319).

Groisman (2006^a) aponta que é importante que o casal mantenha certa distância da família de origem para que haja uma relação saudável e satisfatória na vida matrimonial. Os cônjuges devem assumir papéis diferentes no momento em que passam a conviver juntos, dessa forma, se eles assumirem isso, há maior possibilidade de evitarem conflitos futuros. O autor contextualiza, ainda, que essa ruptura se insere nas quebras das transmissões transgeracionais para que as repetições dos padrões sejam quebradas.

5.3 Mudanças no cenário social

Nos artigos de Araújo (2002) e Garcia *et. al.*(2003) apareceram determinações econômicas, culturais e de gênero e mudanças no cenário social como causas de conflitos nas relações afetivas. Dessa forma, outros autores, alguns já elencados anteriormente na construção teórica, discorreram sobre esse tema.

Ocorreram mudanças importantes no cenário social no período da revolução industrial. Nessa época deu-se início o liberalismo político e econômico, a partir do qual foi introduzida a ideia de que todos os homens teriam liberdade e seriam iguais. Somado a isso, o desenvolvimento da tecnologia também ajudou a estabelecer desigualdade social, o que culminou na luta pelos direitos do trabalhador. Nesse contexto histórico surge o então capitalismo (MIRANDA, 2012).

Como explicitado anteriormente, umas das mudanças ocorridas no cenário social que teve impacto significativo nas relações foi a inserção da mulher no mercado de trabalho. A esse respeito Freire-Costa (2005) ressalta que hoje a mulher tem conquistado espaço na sociedade de várias formas, dentre elas o direito de escolher como será conduzida sua vida amorosa, pois ela não precisa mais suportar um relacionamento se este não lhe está satisfazendo ou mesmo se estiver lhe causando angústia. Se uma mulher se permite permanecer em uma relação dessa forma, ao contrário de antes, hoje ela é criticada.

Diante de tais mudanças ocorridas de forma tão profunda e avassaladora nos comportamentos, valores e identidade dos sujeitos ao longo do tempo, é possível perceber, também, as novas formas de relações que tem se desenvolvido de forma frágil e superficial,

como aponta Bauman (2009). O autor nos apresenta um cenário desfavorável, causado por uma sociedade de vida líquida, em que a vida é precária e incerta, ou seja, é necessário viver muitas coisas e ao mesmo tempo. Dessa maneira, percebe-se que não há tempo para viver momentos e/ou relações que, pois o indivíduo é direcionado a viver o aqui e agora intensamente, não priorizando os vínculos afetivos. Diante desse contexto, as pessoas não querem mais apostar nos relacionamentos, pois já não acreditam ser possível ter uma relação que lhes traga bem-estar, respeito, cuidado. E da mesma forma parecem não querer assumir essa responsabilidade.

Bauman (2009) aprofunda:

A vida líquida é uma vida de consumo. Ela projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo (p. 16).

O capitalismo por sua vez tem sido um dos motivos que tanto fragilizam as relações na contemporaneidade, e Bauman (2009) adverte que a sociedade nos impulsiona, por meio do capitalismo, ao consumismo e, dessa forma, as pessoas procuram investir no presente, se deixando envolver por prazeres momentâneos. O autor argumenta as pessoas procuram a cada dia viver algo diferente, buscando renovar e estar dentro desses padrões sociais, acreditando que esses objetos lhes tragam alegria e satisfação plena.

5.4 Problemas de Comunicação

Nos artigos de Garcia (2001), Féres-Carneiro (2010), Scorsolini-Comin *et. al.* (2010) e Fonseca *et. al.* (2014), apareceram resultados das gêneses de relacionamentos, como: o silêncio ou adiamento da busca da solução de problemas, falta de diálogo e comunicação.

Bolze (2012) aponta que há uma patologia na comunicação entre casais quando um tenta se sobrepor ao outro, buscando uma competição para ver quem estabelece as regras. Outra patologia pode ser quando um dos cônjuges manda e o outro simplesmente obedece. Tais comportamentos podem desencadear sérios conflitos para o casal, culminando até mesmo em divórcio.

[...]se ambos os cônjuges são incapazes de coagir ou persuadir o outro, e se nenhum deles está disposto a desistir, eles possivelmente irão deixar de resolver suas diferenças. Entretanto, se ambos os parceiros estão dispostos a rever suas iniciais posições para que cada pessoa, em parte, atinja o seu objetivo, a resolução pode ser alcançada através de um acordo harmônico. A distinção entre essas duas formas de resoluções de conflito em díades de poder relativamente simétricas pode depender dos modelos familiares de

resolver problemas e, especialmente, das estratégias que eles usam para fazê-lo (RECCHIA *et. al.*, 2010 *apud* BOLZE, 2012).

Figueredo (2005) ressalta a questão tecnológica como fator gerador da falta de comunicação entre o casal. A autora afirma que a tecnologia tem contribuído para o isolamento das pessoas, e que os casais frequentemente tem se queixado desse silêncio entre eles, tendo como umas das causas as redes sociais, local em que as pessoas se comunicam e se expressam para o mundo, mas não conseguem expressar para o companheiro que está ao lado.

Nesse contexto Bauman (2004) ressalta que essas formas de relação estão sendo adotadas como um método para se desprender de tantas preocupações, pois não se exige tantas responsabilidades, o esforço é mínimo. Os laços, por serem frágeis, podem ser desfeitos em um simples clique, sem remorso ou culpa.

Nas palavras de Bauman (2004)

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. [...] Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. *A distância não é obstáculo para ser entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para permanecer à parte* (p.83).

Dentro das habilidades sociais, há dois aspectos comportamentais indispensáveis para as competências sociais, os verbais e os não verbais (DEL PRETTE, 1999 *apud* FIGUEREDO, 2005). Para tanto essas habilidades podem ser consideradas fundamentais para uma boa relação conjugal. A habilidade de empatia é uma das que mais promovem a satisfação conjugal, pois nessa os cônjuges experimentam respeito, compreensão dos sentimentos e expectativas do outro, compreensão e compaixão com o bem-estar do cônjuge (GOTTMAN *et. al.*, 2000, *apud* FIGUEREDO, 2005).

5.5 Divisão de tarefas e jornada dupla de trabalho da mulher

Jablonski (2010) apresenta que os homens demonstram dificuldade em compartilhar de forma igualitária as tarefas domésticas. Outro ponto abordado é a dupla jornada de trabalho da mulher, como características de conflitos entre casais.

Com a conquista para entrar no mercado de trabalho, a mulher vive um constante desafio entre realização profissional e a realização pessoal, pois precisa conciliar as duas áreas, o que em muitos casos pode trazer desgastes, tanto emocionais como físicos (LIMA, 2005 *apud* FERREIRA; FIORONI, 2009). Nesse sentido há um aumento excessivo na jornada de trabalho da mulher, tendo em vista que o tempo que seria dedicado à família precisa ser cumprido, bem como o dedicado ao trabalho. Dessa forma o tempo para descanso e lazer fica

reduzido. Diante disso, percebe-se também a desigualdade de gênero que ainda persiste, pois o homem executa seu papel no trabalho externo, enquanto a mulher deve cumprir a mesma carga horária do homem no trabalho e ainda realizar o papel doméstico (BRUSCHINI, 2006 *apud* FELICIANO *et. al.*, FERREIRA; FIORONI, 2009).

A mulher apoderou-se de diversos espaços, principalmente da esfera pública, que outrora lhes eram recusados. No entanto, nessas conquistas ainda permeiam desigualdades, visto que mesmo se deslocando para a esfera pública é subjugada a continuar também na esfera privada, acabando por exercer uma dupla jornada de trabalho (SANTOS, 2015 p. 13).

Muitos homens percebem a questão da divisão do trabalho como uma afronta a sua masculinidade, por isso há resistência uma vez que eles não querem aceitar que houveram mudanças no contexto social e que hoje a mulher caminha na busca pelos seus direitos. Embora ainda haja certa discriminação em relação ao seu papel social, atualmente o homem não é mais o único provedor da família, portanto não é o único a tomar decisões em casa, nem mesmo deve esperar que o trabalho doméstico seja executado apenas pela mulher (VENTURINI; RECAMÁN, 2004 *apud* SANTOS, 2015).

5.6 Nascimento do primeiro filho

Féres-Carneiro *et. al.* (2010) ressalta que o nascimento do primeiro filho pode ser uma causa para os conflitos nas relações entre casais. O sistema familiar passa por uma grande mudança com a transição da parentalidade, ou seja, com o nascimento do primeiro filho, pois nesse momento os cônjuges deixam de ser apenas um casal e tornam-se progenitores (CARTER; MCGOLDRICK, 1995 *apud* MENEZES *et. al.*, 2007).

Outro fator que pode vir a desencadear tal conflito é que, com a chegada do bebê, os pais tendem a se aproximarem mais do bebê, principalmente a mãe. Consequentemente, eles se afastam, criando, assim, o que Bowen chama de *triangulação*. Isso geralmente acontece quando já tem um certo distanciamento no casal, pois é nesse momento que os triângulos costumam surgir (M. NICHOLS; R. SCHWARTZ, 1998).

Gottman e Silver (2002 *apud* PIRES, 2008) apontam que nessa transição há significativas mudanças no que tange a satisfação do casal, principalmente nas mulheres. Rothman (2004 *apud* PIRES, 2008) ressalta que essa satisfação permaneceu estável durante a gravidez, porém com a chegada do bebê iniciaram-se os conflitos.

Para os homens, o declínio da sua satisfação com o casamento deveu-se à tendência para fazerem atribuições positivas sobre o comportamento das companheiras; para as mulheres, factores como depressão e temperamento do bebê foram referidos como determinantes no declínio da satisfação conjugal (ROTHMAN, 2004 *apud* PIRES, 2008).

Bradt (1995 *apud* ALMEIDA, 2005) explica que nesse momento ocorre uma transição na qual o casal precisa redefinir seus padrões e valores, bem como ajustamento dos espaços para a chegada do novo membro e negociar as tarefas como educação, finanças e domésticas.

Uma das contribuições para os conflitos com a chegada do primeiro filho é que no casamento contemporâneo, devido às mudanças econômicas e sociais, em que tanto o homem como a mulher estão inseridos no mercado de trabalho, há certa desigualdade no que tange a divisão das responsabilidades, pois nesse momento, frequentemente a mulher tende a assumir a vida doméstica, se sentindo inferior ao homem nesse sentido, pois diante de tantas mudanças que ela tem que enfrentar com a chegada do bebê, ela se vê sobrecarregada com as obrigações (CARTER; MCGOLDRICK, 1995 *apud* ALMEIDA, 2005).

Outra mudança que implica os possíveis conflitos é a constante influência das famílias de origem nas formas de cuidados sobre o novo membro da família. Nesse momento, as famílias tendem a se aproximarem para dar suportes emocionais e físicos aos filhos, e essa aproximação, podem gerar desentendimentos nos casais, pois há situações em que pode haver divergências no que tange aos modelos de educação e abusos de poder (ALARCÃO, 2002 *apud* PIRES, 2008).

5.7 Experiências extra conjugais

Fonseca *et. al.* ressaltam que as experiências extraconjugais são motivo de conflitos entre casais. Araújo (2002) apresenta o contexto histórico do casamento em que os casais não escolhiam seus cônjuges e os casamentos eram feitos na base de interesse por parte das famílias. Dessa forma, como o amor não era considerado, era comum que os homens vivenciassem relacionamentos extraconjugais, pois eram nessas relações que eles experienciavam tais sentimentos. Nesse sentido, as mulheres tinham que aceitar essas situações, pois socialmente as traições masculinas eram sinônimo de virilidade (TURKENICZ, 1995 *apud* SANTOS, 2008).

Por outro lado, Costa (2000 *apud* SANTOS, 2008) resalta que para a mulher esse tipo de comportamento era extremamente repudiado, visto como desonra, e a mulher deveria ser punidas pelo adultério cometido. Rosset (2004 *apud* ZACHARIAS *et. al.*, 2011), aponta que há algumas teorias que discorrem sobre a infidelidade, e dentro das relações conjugais há diferentes concepções, como a quebra de confiança, em que há um acordo estabelecido entre os cônjuges, mas eles o invalidam.

Zacharias *et. al.* (2011) acreditam que outra forma de infidelidade considerada contemporânea é a virtual, pois nesse contexto é possível perceber um triângulo que seria o

casal e a tecnologia, havendo um distanciamento por parte do casal e uma aproximação no contato virtual.

[...]há casais separando-se por interferência da própria Internet, tendo como causa o afastamento da convivência conjugal. Há queixas de cônjuges de que seu parceiro não lhe dá a devida atenção, pois está sempre ligado no celular, ou no computador. Ocorre seguidamente, que um parceiro está completamente envolvido com o uso de tudo que a tecnologia oferece, enquanto o outro não tem o mesmo entusiasmo. Deste ponto, podem surgir grandes diferenças de valores e interesses, levando o casal a viver distanciados um ao outro (HINTZ, 2001, p. 13).

Na concepção de Pittman (1994) a infidelidade também é compreendida como um rompimento na confiança entre o casal. O autor ressalta que tal comportamento é um dos principais motivos de divórcio, pois este pode ser um dos piores atos que um parceiro pode fazer ao outro, não só pelo ato sexual, mas pelas mentiras que envolvem a execução do comportamento. Dessa forma ela acaba se tornando o elemento mais destrutivo do seio familiar. De acordo com Prado (2009, *apud* ZACHARIAS *et. al.*, 2011) “essas relações têm diversos objetivos, desde objetivos voltados apenas pelo prazer sexual ocasional até os casos amorosos longos e extremamente envolventes” (p. 123).

A paixão é considerada de uma intensidade que indisponibiliza o casal para qualquer outra relação, fixando-os um ao outro, sendo assim a infidelidade pode ser compreendida como substituta da paixão, pois quando um dos cônjuges começa a despertar interesse em outro, levanta-se a hipótese de que a mesma tenha acabado entre o casal e, assim, busca-se essa intensidade em outra pessoa (PITTMAN, 1994).

5.8 Expectativas não correspondidas pelos cônjuges

Fonseca *et. al.* (2014) apresentam as expectativas não correspondidas pelos cônjuges, como conflitos nos relacionamentos afetivos. Para Fonseca, (2011) o casamento é uma instituição que permeia um alto número de expectativas de diferentes formas, a autora sugere estas: “as expectativas para cada um enquanto parceiro, as expectativas para o casamento, as expectativas de e para ambas as famílias de origem, as expectativas para o casamento enquanto instituição e a imagem ou conceito de parceiro ideal” (p. 09).

Frequentemente televisão, filmes e revistas retratam as relações conjugais demonstrando segurança e estabilidade para os casais, salientando romance, suporte e satisfação sexual. Dessa forma os parceiros tendem a alimentar suas expectativas baseando-se nesses contextos midiáticos (HALFORD *et. al.*, 1997 *apud* FONSECA 2011).

Wagner *et. al.* (2012) acreditam que são difundidos na cultura alguns mitos sobre como devem ser os relacionamentos. Sendo assim, ela é grande responsável pela criação de

expectativas entre os casais, pois ela expõe vários mitos acerca da vida conjugal, fazendo com que os cônjuges alimentem expectativas irreais do que venha a ser a vida a dois. Dessa forma, quando os mesmos passam a conviver e perceber na prática oposição, eles se frustram e se sentem enganados, e assim começa o processo de conflitos.

No entanto, Ribeiro *et. al.* (2002, *apud* FONSECA, 2011) acreditam que o fracasso nos casamentos pode não estar relacionado ao desinteresse pelo mesmo, mas a pouca importância em não corresponder às expectativas do outro. Tais expectativas, geralmente geradas antes do casamento, tendem a ser excessivas e acabam por tomar grandes proporções, uma vez que cada um espera algo diferente dentro do casamento, o que resulta em sérios conflitos (COSTA, 1994, *apud* FONSECA, 2011).

5.9 Finanças

Fonseca *et. al.* (2014) apontam que as finanças são caracterizadas como ponto de conflitos nas relações afetivas. Falconier *et. al.* (2010 *apud* MOSMANN; FALCKE, 2016) ressaltam a importância que o dinheiro tem nas relações conjugais, podendo ser motivo de desavenças ou de satisfação na vida do casal. Um dos motivos que pode vir a gerar conflitos relacionados às finanças são as características e hábitos pessoais de cada um, que faz com que tenham diferentes estilos e formas de gerenciar o dinheiro.

Nessa perspectiva, Pahl (1989, *apud* MOSMANN; FALCKE, 2016), aponta uma forma de gerenciamento de dinheiro, divididos em quatro categorias. São eles:

Sistema de gerenciamento total dos gastos, em que todo o ganho salarial é gerenciado por um único cônjuge, exceto os gastos pessoais do parceiro; Sistema de gerenciamento por mesada ou pensão, em que um dos cônjuges é o principal provedor financeiro, fornecendo um valor para as despesas da casa e mantendo um valor não revelado para outros gastos, inclusive, em que ambos os cônjuges têm acesso ao dinheiro e ambos têm um papel ativo na tomada de decisões financeiras e Sistema de gestão independente do dinheiro, em que cada cônjuge tem o controle individual sobre sua renda e compromissos individuais com as despesas da casa (PAHL, 1989, *apud* MOSMANN; FALCKE, 2016, p. 02).

Muitos homens ainda se veem como principais provedores da casa, alguns acham ser uma obrigação cumprir com o sustento da família e isso acaba gerando sofrimento quando este não é possível por algum motivo. Além disso, eles acreditam que podem exigir determinados comportamentos das mulheres pelo fato de estarem suprindo as despesas. Esse fato também pode acontecer ao inverso, pois há muitas mulheres que são as provedoras e por esse motivo também acreditam que podem estabelecer critérios sobre como o homem deve agir (PERGHER, 2010). Dessa forma, independente se é o homem ou a mulher a prover a casa, geralmente o dinheiro está associado ao domínio pelo outro, ou seja, o cônjuge que

mantém a casa se sente em posição superior (CARDOSO *et. al.*, 2006 *apud* MOSMANN; FALCKE, 2016).

5.10 A individualidade dos cônjuges

Scorsolini-Comin *et. al.* (2010) e Fonseca *et. al.* (2014), ressaltam as características da personalidade do cônjuge e as diferenças individuais como ponto de conflito e dificuldade nos relacionamentos entre casais. A individualidade dos cônjuges tem se tornando um paradoxo contemporâneo, pois ao mesmo tempo em que o casal quer dividir a vida com o outro e construir a identidade conjugal, eles querem estar a sós (SIGLY, 2000 *apud* ABOIM, 2004). Em consonância a isso, Féres- Carneiro (1998) aponta que a contemporaneidade tende a fomentar a ideia da satisfação pessoal o que faz com os cônjuges se afastem e não estreitem seus laços conjugais.

Por outro lado, Simmel (1991 *apud* ABOIM, 2004) aponta a importância da manutenção da individualidade de cada um, pois ele acredita que pode manter a harmonia do casal. Porém nessa conjuntura os indivíduos podem se perder, ficando divididos entre o eu e o nós. Sendo assim, essa faceta pode ser tanto de bem estar, como de conflito.

Gao (2001 *apud* WAINBERG *et. al.*, 2012) aponta que a família e a sociedade são fundamentais na construção da identidade individual de cada cônjuge, o que vem a refletir nas relações conjugais. Cada cultura traz uma bagagem, enfatizando o individualismo ou o coletivismo. Quanto ao individualismo Marschall (2008 *apud* WAINBERG *et. al.*, 2012) ressalta que se destaca a autoconfiança, a competição e a prioridade por suas conquistas pessoais frente aos objetivos grupais e/ou do casal.

5.11 Consumo de álcool e outras drogas

O consumo de álcool e drogas é apresentado por Fonseca *et. al.* (2014) como ponto de conflitos entre casais. De acordo com Lee (2008), há algumas características que constituem os casais que são afetados pelo álcool que são: competitividade, desequilíbrio na completude dos papéis de gênero, conflitos, dependência por parte de ambos e infidelidade.

Stanton (2005 *apud* SILVA, 2013) ressalta que o uso de álcool em um dos parceiros pode estar ligado à aceitação e ao confronto. A aceitação relaciona-se ao sentimento de abandono e a crença de que será possível controlar o comportamento do cônjuge em relação à bebida e, assim, a situação poderia vir a melhorar. O confronto trata do sofrimento que o uso excessivo reflete, gerando sérios conflitos e o anseio pela mudança do outro.

Leonard *et. al.* (2007 *apud* SILVA, 2013) apontam que os cônjuges relatam pontos positivos e negativos relacionados aos efeitos do álcool. Nos positivos, os cônjuges se

mostram mais atenciosos e afetivos e expressam os sentimentos com maior facilidade. Já nos negativos, os parceiros tendem a se mostrar mais irritados, assustados e violentos.

O consumo de álcool e outras drogas tem sido apontado como um dos principais fatores geradores de violência doméstica (FIELD *et.al.* 2004; HERRENKOHL *et al.*, 2007; KANTOR *et. al.* 1987; WEINSHEIMER *et al.*, 2005 *apud* ÁVILA, 2013). O consumo de álcool nas relações íntimas afeta diretamente as funções físicas e cognitivas, reduzindo a capacidade de controle e de resolução de problemas sem utilização da violência, e pode agravar dificuldades financeiras, infidelidade, entre outros, aumentando o risco de violência entre os parceiros, dado o conflito e a tensão relacionais.

George (1987 *apud* ÁVILA, 2013) sugere que parceiros que bebem e tornam-se agressivos acreditam e querem que o álcool os fará agressivos. Dessa forma, se supõe que o consumo e a violência entre os parceiros se torna incoerente, uma vez que o cônjuge pode estar utilizando o álcool como desculpa para a efetivação do ato violento (HIRSCHEL *et. al.*, 2010 *apud* ÁVILA, 2013).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, presenciamos diversos conflitos na vida de casais, os quais tem acarretado um aumento significativo dos divórcios, cujas causas foram discutidas ao longo dessa pesquisa. O consumismo exacerbado, proporcionado pelo capitalismo e as mudanças no cenário social são pontos que caracterizam tal cenário. Essas situações levaram ao que aqui foi considerado como as gêneses dos conflitos nos relacionamentos contemporâneos, em que os resultados das produções científicas colhidas destacam os seguintes problemas: multigeracionalidade, mudanças de ordem sociocultural, novo ideal de conjugalidade, individualidade entre os cônjuges, dentre outros.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um ponto central na discursão do contexto pós-moderno. Esse fato traz uma reflexão de grande relevância, pois sendo essa uma das características contemporâneas pelas quais tem gerado grandes conflitos conjugais. Seria possível pensar que a mulher deveria reassumir seu papel de, apenas, dona de casa? No entanto, é pertinente enfatizar que essa não é a principal questão, mas que os problemas relacionais têm maior destaque na Contemporaneidade. Dito em outros termos, sempre houveram conflitos em épocas anteriores, porque a mulher não era ouvida, não tinha seu reconhecimento, ao contrário de hoje.

Baumam (2004) ressalta que um relacionamento causa incerteza e grande “dor de cabeça”, e o indivíduo que queira viver o mesmo provavelmente nunca estará totalmente seguro se é o certo a se fazer. Ou seja, ao argumentar isso, o autor sugere que estar em uma relação não é sinônimo de total segurança, de companheirismo e de convivência para vida toda, mas é um arriscar-se, pois só é possível saber do momento presente. Contudo, sobre o amor, ele assinala que “amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (BAUMAN, 2004, p. 21).

Diante disso, o indivíduo que sente a necessidade de vivenciar uma relação sólida, mesmo diante de tantas transformações e dificuldades instauradas na sociedade pós-moderna deve criar estratégias a fim de superar as situações elencadas acima. Em consonância a isso, Goldenberg (2001) aponta que as dificuldades nos relacionamentos, frequentemente, causam sentimentos desgastantes, os quais caracterizam a Contemporaneidade.

Para isso, Wagner *et. al.* (2012) apresentam dois programas educativos para casais: o pré-nupcial e os conjugais. Esses dois tipos objetivam a prevenção precoce de conflitos, pois as autoras acreditam que tal prevenção é mais eficaz e evita que os cônjuges desencadeiem

altos níveis de tensão. Dessa forma, eles não precisarão chegar à psicoterapia de casal. As autoras ressaltam que todo casal passa por dificuldades e problemas, alguns mais sérios que os outros, o que é inevitável, porém há uma diferença na forma de resolução, pois tudo depende de como cada casal irá enfrentá-la.

Nesses parâmetros, o indivíduo poderá concretizar seus anseios acreditando ser possível vivenciar um amor sem permitir que os efeitos contemporâneos os devastem. Pois diante das configurações sociais pós-modernas, percebe-se que o amor vem sendo compreendido como uma construção histórica e, com isso, a cada modificação contextual altera-se também a forma de compreender e vivenciar as relações. E essas mudanças passam pelos interesses políticos, capitalistas, entre outros. Dessa forma, o sujeito, ao compreender o contexto no qual está inserido, compreende com maior facilidade a configuração do amor (FERREIRA; FIORONI, 2009)

Com os resultados obtidos, faz-se relevante considerar alguns aspectos que podem ter levado a tais implicações, ou seja, certos desentendimentos, por vezes, aparecem manifestados em outras circunstâncias, sendo que há diferentes situações por trás desse conflito. Com isso, se sugere novas buscas que permitam compreender esses fenômenos de forma mais clara e entender quais as causas que estão por trás daquilo que se destaca em alguns resultados.

Com essas considerações, percebe-se certa lacuna nas investigações acerca de alguns resultados. Por outro lado, outros se mostraram bem contundentes e claros no que se refere aos objetivos da pesquisa em questão. Nesse sentido, para trabalhos futuros sugere-se pesquisas mais aprofundadas com diferentes métodos de coleta de dados, por exemplo, realizar pesquisa de campo com entrevistas de casais que se relacionam por muito tempo e com aqueles que se relacionam há pouco tempo, comparando como lidam com os conflitos e se são desencadeados pelos fatores descritos no presente estudo.

É pertinente ressaltar que, dentre os artigos coletados, foi possível perceber que, ainda, há uma heteronormatividade nos estudos, pois só foram abordados relacionamentos de casais heterossexuais. Devido a isso, só foram destacados na presente pesquisa as causas das dificuldades de relacionamentos que se direcionavam para estes casais.

Para tanto, cabe salientar a importância dessa pesquisa, pois foi possível refletir sobre as principais causas de conflitos e divórcios entre casais e ter conhecimento sobre os mesmos, tendo como destaque as mudanças trazidas pela Contemporaneidade. Por meio da compreensão desses aspectos, foram fornecidos subsídios para auxiliar no estabelecimento de

formas de intervir nesses casos e até mesmo se utilizar de tais resultados para futuras pesquisas e/ou intervenções em psicoterapia de casais.

Contudo, diante dos argumentos apontados como geradores de tais conflitos nas relações afetivas, entende-se que, para que a relação na Contemporaneidade seja sólida, o casal deve reconhecer os aspectos que enfraquecem esses laços, para saber lidar com essas influências sociais. Dessa forma, seria importante estabelecer um critério pessoal, através da identidade assumida para ambos, não mais esperando e nem permitindo que a sociedade aponte e nem interfira a ponto de gerar conflitos que resultem em separação/divórcio. Com tantos valores concorrentes, é difícil administrar essas questões, porém, se ambos fizerem investimentos árduos, talvez seja possível fortalecer esses vínculos frágeis que a sociedade pós-moderna tem ocasionado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Eliza Grijó Guahyba de. *Quando dois se tornam três: reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho*. 2005 Monografia (Especialização) – Ciências da Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Cap. 3.
- ABOIM, Sofia. *Emoções e rotinas: A construção da autonomia na vida conjugal*. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Famílias, 2004. Disponível em: <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22_1.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2002, vol.22, n.2, pp.70-77. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Zahar: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt *Vida para consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. *Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p.261-268, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n2/a12v19n2.pdf>> Acesso em: 25de agosto de 2016.
- BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo In: CARDOSO, Marta Rezende (Org). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006, p. 25-44.
- BOLZE, Simone Dill Azeredo. *RELACIONAMENTO CONJUGAL E TÁTICAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO ENTRE CASAIS*. 2012. Monografia – Curso de Terapia Relacional Sistêmica, Universidade Federal Santa Catarina, 2012.
- BÚRIGO, Marina Vieira de Araújo. *TERAPIA DE CASAL: Uma visão Sistêmica*. 2010. 37 f. Monografia (Especialização) - Curso de Terapia Relacional Sistêmica, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Cap. 5.

BUENO, Rovana Kinas *et. al.* *Processo de Diferenciação dos Casais de suas Famílias de Origem*. PSICO, Rio Grande do Sul, v. 44, n. 1, pp. 16-25, jan./mar. 2013.

BRUSEKE, Franz Josef. Romantismo, mística e escatologia política. *Lua Nova* [online]. 2004, n.62, pp.21-44. ISSN 0102-6445. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452004000200003>.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. *ANÁLISE DE CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. Inf. & Soc. João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos estud. - CEBRAP*[online]. 2005, n.73, pp.111-124. ISSN 0101-3300. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000300008>.

DINIZ-NETO, Orestes; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades*. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2005, vol.22, n.2, pp.133-141. ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200003>.

DINIZ-NETO, Orestes. *Jogos conjugais: Proposta de um modelo construcionista social para terapia de casal*. 2005. 241f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.2, pp.379-394. ISSN 1678-7153. < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.> Acesso em: 18 de maio de 2016.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha and DINIZ NETO, Orestes. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2010, vol.20, n.46, pp.269-278. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>.

FERREIRA, Luiz Henrique Moura; FIORONI, Luciana Nogueira. *Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários*. ANAIS DO XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO. MACEIÓ– AL, 2009.

FELICIANO, Vilma de Oliveira; RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. *Trabalho domiciliar e a desigualdade de gênero*. ANAIS DO XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO. MACEIÓ– AL, 2009.

FEDRIGO, Rosita. *O HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, TRANSMISSÃO DO MASCULINO, RELACIONAMENTOS E FEMININO NO MASCULINO*. 2005. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde - Facs, Brasília, 2005. Cap. 4.

FONSECA, Sofia Raquel Alves. *DO NAMORO AO CASAMENTO: HISTÓRIAS QUE SE CONSTROEM – EXPLORAÇÃO DE SIGNIFICADOS, EXPECTATIVAS, CONFLITO E AMOR*. 2011 80 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Psicologia, Universidade do Porto, Portugal, 2011.

FONSECA, Sofia Raquel Alves and DUARTE, Cidália Maria Neves. Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2014, vol.30, n.2, pp.135-143. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>

FREIRE-COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. *In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo [org.]. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004, p. 75-88.

FREIRE-COSTA, Jurandir Freire. A paixão vista pelo enamorado. Rio de Janeiro: CpfI Cultura (tv Cultura), 2005. (51 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jTo6V7OzyAM>. Acesso em: 27 maio 2016.

FREIRE-COSTA, Jurandir Freire. *Sem Fraude nem Favor*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1998.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. Eduardo Brandão. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira and TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. *Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal*. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2001, vol.14, n.3, pp.635-642. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000300019>.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira and TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. *Problemas no casamento: uma análise qualitativa*. *Estud. psicol. (Natal)*[online]. 2003, vol.8, n.1, pp.127-133. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100014>.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. *INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 2, n. 35, p.57-63, mar. 1995.

GOLDENBERG, M. (2001). *Sobre a intervenção do casal*. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 1(1), 89104.

GROISMAN, M. (2006a). *Família é Deus: Descubra como a família define quem você é* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas.

HINTZ, Helena Centeno. *Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade*. Pensando famílias, v. 3, n. 1, p. 8-19, 2001.

IBGE – Tabelionato de Porto Alegre. Disponível em:
<<http://www.8tabelionato.com.br/?p=311> > Acesso em: 12 de Abril de 2016.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.2, pp.262-275. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>.

KARNAL, Leandro. *O Medo à Liberdade e a Alma Humana*. Rio de Janeiro: Cpfll Cultura (tv Cultura), 2014. (1hs e 50 min), son, color. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=GGWvC-iKyc>> Acesso em: 27 maio 2016.

LEE, Lara Gomes Bernardo. *Alcoolismo nas diferentes fases do ciclo de vida familiar*. 2008. 60 f. Monografia (Especialização) – Curso de Terapia Relacional Sistêmica, Universidade Paulista, 2008. Cap. 4.

MAZZOLINI, Beatriz Pinheiro Machado. *Ser e aprender na contemporaneidade: modalidades, estilos ou idiomas pessoais de aprender?* **Constr. psicopedag.** São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100006&lng=pt&nrm=iso Acessos: em 23 ago. 2016.

MANTELLI, Fernanda Lima; PINHEIRO, Maria Cristina Souza Mota. *Apego nas relações íntimas entre adultos: Uma visão Teórica*. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade Ruy Barbosa. Salvador, 2011.

MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo and SILVA JUNIOR, Annor da. *Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social*. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2013, vol.33, n.1, pp.16-31. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000100003>. Acesso em: 29 de agosto 2016.

MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. *Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê*. **PsicoUSF**, Itatiba, v. 12, n. 1, p. 83-93, jun. 2007. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712007000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 05 out. 2016.

MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. *A Mudança do Paradigma Econômico, a Revolução Industrial e a Positivização do Direito do Trabalho*. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – V, 3, nº 1, São Paulo, 2012.

MOSMANN, Clarisse; FALCKE, Denise. *Conflitos conjugais: motivos e frequência*. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, dez. 2011. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 12 abr. 2016.

MOSMANN, Clarisse; FALCKE, Denise. *Manejo pelo dinheiro do casal e Infidelidade Financeira*. Rev. Estudo e Pesquisa em Psicologia, Rio Grande do Sul, v. 16, n, 01. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/24842/17811>> Acesso em 19 de outubro de 2016.

M. Nichols e R. Schwartz. *Terapia familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed, 1º Ed. 1998.

NOGUEIRA, Liandra Marlize Lopes de Oliveira. *Casal e Família de Origem: Uma possível relação na dependência emocional da mulher*. O portal do Psicólogo, Mafra – Santa Catarina, 2010.

OLIVEIRA, NHD. *Recomeçar: família, filhos e desafios* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PERGHER, Nicolau Kuckartz. *Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal*. Revista Perspectivas, São Paulo, v. 1(2), 116 – 129. 2010. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v1n2/v1n2a05.pdf>> Acesso em: 19 de outubro de 2016.

PITTMAN, F. *Mentiras Privadas: a infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIRES, Ana Sofia Rodrigues. *ESTUDO DA CONJUGALIDADE E DA PARENTALIDADE ATRAVÉS DA SATISFAÇÃO CONJUGAL E DA ALIANÇA PARENTAL*. 2008. Monografia (Especialização) - Núcleo de Psicologia Clínica Sistêmica. Universidade de Lisboa, 2008. Cap. 4.

PINHEIRO, Tereza. *Narcisismo e depressão*. Rio de Janeiro: CpfL Cultura (tv Cultura), 2014. (2hs e 10 min.), son, color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bMuARtfZTEE>>. Acesso em: 27 maio de 2016.

PONTES, Fernando Augusto Ramos, *et. al. Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana*. Aletheia, n.26, p.67-79, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a07.pdf>. Acesso em: 14 de Setembro, 2016.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. São Paulo: LeYa, 2014.

RAMIRES, Vera Regina Röhnel; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns *Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Rio Grande do Sul, Vol. 26 n. 1, pp. 25-33, jan. 2010.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. *As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação*. Diálogo Educacional, Curitiba, a, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

ROLIM, Kamêni Iung; WENDLING, Maria Isabel. *A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade*. Psic. Clin. vol. 25, n.11, p. 165-180, Rio de Janeiro, 2013.

ROSA, Graziela Rinaldi. *Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana*. 2012. 352 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós- Graduação em educação, São Leopoldo, RS, 2012.

RODRIGUES, Soraia. *Amor com Dependência: Um olhar sobre a Teoria do Apego*. O Portal dos Psicólogos. Salvador, 2009. Disponível em:
<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0155.pdf>> Acesso em: 16 de setembro, 2016.

SANTOS, Natália Alzira. *Percepções de Homens sobre a infidelidade nos relacionamentos amorosos contemporâneo*. TCC (Graduação), curso de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu – Santa Catarina, 2008.

SANTOS, Taysa Silva. *A CONDIÇÃO FEMININA: JORNADA DUPLA DE TRABALHO*. Minas Gerais: Conexões Gerais, v. 6, jun. 2015. Disponível em:
<<http://www.cress-mg.org.br/arquivos/revista-1-2015.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2016.

SILVA, Ana Cláudia Boavida Salgueiro da. *O ROMANCE MATRIMONIAL: A REPRESENTAÇÃO DO CASAMENTO NA OBRA ROMANESCA DE JÚLIO DINIS*. 2014. 671 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade de Évora, Évora, 2014.

SILVA, Isabela Machado da. *A conjugalidade diante do abuso/ dependência do álcool: uma compreensão sistêmica*. In: SUDBRACK, Maria Fátima Olivier; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo; LORDELLO, Silvia Renata [Org] *Abramed compartilhando saberes*. Brasília, 2013, p. 96 – 120.

SMEHA, Luciane Najar; OLIVEIRA, Micheli Viera de. *Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens*. *Psicol. teor. Prática*. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-45, ago. 2013 Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 04 abr. 2016.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio and SANTOS, Manoel Antônio dos. *Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional*. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2010, vol.26, n.3, pp.525-532. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>.

WAINBERG, Lina; HUTZ, Claudio Simon. *Intimidade conjugal: principais modelos teóricos*. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M [org] *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: ed. Artmed, 2012, p.195-205.

WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse. *Intervenção na conjugalidade: estratégias de resolução de conflitos*. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M [org] *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: ed. Artmed, 2012, p. 240-248.

ZACHARIAS, Dulce Grazel, *et. al.* *Um olhar Sistêmico sobre a infidelidade e suas implicações*. V Jornada de Pesquisa em Psicologia: diálogos interdisciplinares, 2011. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/10192>.

ZORDAN, Eliana Piccoli. *A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos*. 2010. 129 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, 2010.